NECROLÓGIO

RODOLFO TEÓFILO

No ano passado, no dia 2 de Julho, fechava os olhos à luz terrena êsse homem, por tantos fundamentos notável, que se chamou Rodolfo Marcos Teófilo.

Já estando preparado o número desta revista, prestes a circular, não nos foi possível render ao membro eminente do Instituto do Ceará, de que foi primeiramente sócio efetivo e depois sócio de honra, a homenagem que postulavam os seus grandes méritos, os quais levaram o Congresso Nacional a dar-lhe o título excepcional de — Varão Benemérito da Pátria. E benemérito foi êle de fato, não só no labor indefesso de pôr termo à varíola por meio de vacinação constante e gratuita, mas também devassando novos campos de pequenas indústrias, de inestimável alcance financeiro para a população pobre.

Mas o que Rodolfo Teófilo foi, antes e acima de tudo, foi escritor. A poesia, o romance, o conto, a história, o panfleto, o jornalismo, a mesma ciência, — teve nele tudo isso um cultor apaixonado, que morreu sem depor a pena.

Historiador dos flagelos climáticos que periodicamente assolam o Ceará, bem como das peripécias políticas a que assistiu, não pôde eximir-se ao partidarismo a que se acorrenta a natureza humana, ainda a mais bem organizada, e muitos juizos seus hão de ser talvez reformados pela posteridade; mas não se pode negar que tudo

quanto escreveu tem o cunho da sinceridade mais perfeita. E isto já não é pouco, por que, em geral, os que atacam os outros fazem-no por maldade.

O poeta, embora deliberadamente popular, como Juvenal Galeno, deixou algumas produções antológicas, como o soneto "O Átomo", quer na primeira, quer na segunda versão.

E', porém, o romancista que a todos se impõe. "A Fome", "O Paruara", "Maria Rita", "Os Brilhantes", "O Reino de Kiato" e tantas outras obras de ficção, estão aí para atestar o valor de Rodolfo Teófilo.

Escrevendo naturalmente, quase como falava, sem apuros de forma, legou-nos entretanto algumas das páginas mais belas e sugestivas da literatura nacional, e quem quiser estudar e conhecer o português do nosso Estado, em duas das suas modalidades, a familiar e a popular, tem de recorrer às obras do ilustre escritor e nelas encontrará um manancial quase inesgotável.